

Arrotar, como se poderia pensar a princípio, não tem a mesma qualidade imaterial do quarteto de cordas. Clemente de Alexandria observava que a forma como a mulher cristã expelia gases pelo sistema digestivo deveria estar sempre pautada por uma certa doçura – imagem sempre imposta às mulheres como fator genérico de subordinação. Como tudo o que sobe desce e tudo o que entra sai, exigir discrição no ato de *expelir* necessariamente descambaria no problema da discrição no ato de *ingerir* : com efeito, Clemente criticava as mulheres que “levando os pequenos vasos de alabastro aos lábios cerrados, bebem sem elegância jogando a cabeça pra trás e deixando o pescoço à mostra, sem muita decência” e que “distendem a garganta para engolir, deglutindo como se quisessem dar aos convivas a impressão de que tudo podem, lançando arrotos de homens, ou antes, de escravos” (*Paedagogos*, II, 2.33.1).

Podemos supor que, sendo tais prescrições ciosamente observadas, também o ato de peidar tenha de ser categoricamente previsto dentro de um código de conduta que associe certo grau de decência aos movimentos corporais. É certo que o baixo ventre, em quase todas as culturas clássicas, ficava oculto sob as largas roupas usadas pelos povos mediterrânicos – o que dissimularia a maior parte do movimento muscular necessário à excreção do *flatu*s anal, excetuando-se, claro, a constrição do rosto. Mas pode-se supor que, existindo uma correlação sistêmica para todas as trocas de gases entre o corpo e o exterior, e se a curva exagerada do pescoço bebendo vinho trazia efeitos nocivos sobre o cristão de Alexandria, também determinados movimentos que denunciavam falta de brandura ou discrição na produção de flatulências anais devem ter sido cuidadosamente codificados e condenados pelos predicadores alexandrinos. Estes textos, infelizmente, se perderam.

Em se tratando especificamente do torso, porém, e, mais especificamente, do pescoço – em geral nu, principalmente sob o calor egípcio –, arrotar era uma prática a ser controlada (embora não banida) em Alexandria mais do que todas as outras por causa de sua *visibilidade* (elemento importante na argumentação predicatória, amplificado na ascese anacorética, onde mesmo o que está oculto é também recriminado e compelido a se denunciar a si próprio).

Para facilitar as coisas, poderíamos condenar, de um só golpe, todos os tipos de arroto – não seria necessário nem mesmo o esforço primário de classificação, o que nos pouparia um tempo enorme em explicações psicodélicas. Entretanto, os silfos de ar saídos do esôfago nunca foram todos iguais. Sua distinção, porém, não era

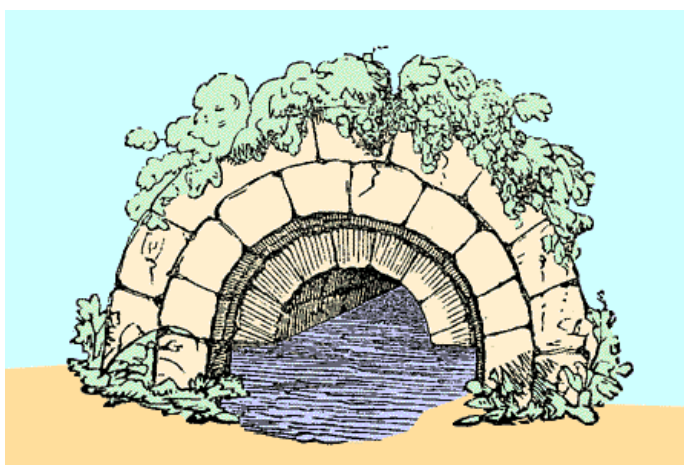
regulada pela forma ou força da fermentação estomacal, nem pelo impacto da corrente de ar na glote ou no céu da boca, nem pela direção tomada na embocadura ou pela rigidez ou flacidez dos lábios. O que os distinguia primariamente era determinado pelo *gênero* (homens e mulheres) e também pela *classe social* (livres e escravos) – não entravam em consideração, aparentemente, os valores próprios ao puro movimento do corpo em suas acomodações mecânico-funcionais.

Associações metafóricas que relacionam fluidos corporais a entidades semi-divinas não são raras na cultura greco-romana. “A riqueza”, dizia Mônimo, o cínico, “é o vômito da Fortuna” – no que, provavelmente, seguia Demóstenes: “O rico ignorante não é senão o vômito da Fortuna”. De qualquer modo, emanações ácidas não podem ser analisadas no puro domínio da etiqueta. Entre as elites romanas, arrotar poderia ser uma demonstração displicente de sarcasmo, força e futilidade :

Rides, maiore cachinno concutitur; flet, si lacrimas conspexit amici, nec dolet; igniculum brumae si tempore poscas, accipit endromidem; si dixeris 'aestuo,' sudat. non sumus ergo pares: melior, qui semper et omni nocte dieque potest aliena sumere vultum a facie, iactare manus, laudare paratus, si bene ructavit, si rectum minxit amicus, si trulla inverso crepitum dedit aurea fundo. (Juvenal, Sátira 3, 100).

Entretanto, nenhum tratado sobre o arroto na Antiguidade chegou até nós. Só temos a respeito referências indiretas, mas nestas não encontramos qualquer alusão a um tipo de indivíduo que consegue falar arrotando [[exemplo](#)]. Sabemos que, na Antiguidade (na Grécia e, de maneira ainda mais aguda, em Roma) a fala definia o cidadão mais do que qualquer outra atividade. Arrotar, no entanto, é uma prática que não participa da mesma ordem de saberes – ainda que não possa ser excluída, por uma questão fisiológica, dos elementos que definem a fala e, por consequência, constituem a excelência da classe superior greco-romana. Falar arrotando, portanto, implicaria num problema para a categoria genérica de ordem social e podemos supor, ainda que fantasiosamente, um teatro revolucionário composto apenas de falas em arroto, com atores de glotes especialmente treinadas e traquéias amplas o suficiente para colocar em xeque a “disciplina discreta da cidade antiga”.

5. Mulheres



Conjunto amorfo de carne que envolve a vulva, a mulher emprestava a Roma a mais importante metáfora de seu sistema sanitário. Os romanos tinham tanto prazer em se considerar apoiados em merda que adoravam sua rede de esgoto (Cloaca Maxima) sob forma de uma divindade, Cloacina, cuja estátua ficava diante da Basílica Aemilia, no Fórum.

Enquanto Plínio, o Velho (*História Natural*, livro 36, cap. 15, 24) celebrava entusiasmado a Cloaca Maxima como uma obra típica da grandeza romana, Lívio descreve a irritação impotente dos primitivos habitantes do Lácio, sem pagamento, obrigados a encetar sua construção na base da porrada (*História Romana*, Livro I, 56, 2).

Intentus perficiendo templo, fabris undique ex Etruria accitis, non pecunia solum ad id publica est usus, sed operis etiam ex plebe. Qui cum haud parvus et ipse militiae adderetur labor, minus tamen plebs gravabatur se templa deum exaedificare manibus suis, quam postquam et ad alia, ut specie minora, sic laboris aliquanto maioris traducebantur opera foros in circo faciendos cloacamque maximam, receptaculum omnium purgamentorum urbis, sub terra agendam; quibus duobus operibus vix nova haec magnificentia quicquam adaequare potuit.

Podemos imaginar os homens sendo mergulhados nos humores fétidos do pântano e saindo de lá exalando seu fermento biológico, enquanto carregavam os quilos de pedras usadas nas três arcadas concêntricas e superpostas de sua estrutura (ver figura acima).

Ainda que a forma vaginal da Cloaca não tenha gerado, ao que parece, nenhum tipo de neologismo sexual ao vocabulário latino, é preciso ser cego dos três olhos para não ver, nessas três arcadas, o *eidolon* do aparelho genital feminino.

Dion Cassius, por exemplo, nos conta que quando Agripa limpou a Cloaca Maxima, ele o fez de barco, penetrando cidade adentro através de seus canais – é, aliás, por essa razão que Plínio apelidava Roma de *urbs subter navigata*. Entretanto, o termo *navis* (embarcação) era também uma metáfora utilizada para vagina (Cf. Macróbio, Sat. 2.5.9, *numquam enim nisi navi plena tollo uectorem*). O caso pode ser fortuito demais para se estabelecer uma tese, mas é bem provável que, idolatrada como um *sinus* (vagina) – aquele elemento que, por sua vez, se presta, pela excreção de seus fluxos periódicos, a uma forma suficientemente convincente de engenharia sanitária em miniatura – a Cloaca romana tenha assimilado o poder de sedução figurativa de todos os fluxos femininos e possibilitado, o que pode nos parecer estranho, a princípio, associar-se Cloacina a Vênus. É de se supor, portanto, que a irritação de seus operários tenha fundamento não somente em considerações de ordem prática mas também de ordem simbólica.